

GEOGRAFIA DO FUTEBOL DAS CIDADES MÉDIAS BRASILEIRAS: RELAÇÕES ENTRE SUCESSO ESPORTIVO E CARACTERÍSTICAS URBANAS

GEOGRAFÍA DEL FÚTBOL DE LAS CIUDADES MEDIAS BRASILEÑAS: RELACIONES ENTRE ÉXITO DEPORTIVO Y CARACTERÍSTICAS URBANAS

BRAZILIAN MEDIUM-SIZED CITIES FOOTBALL GEOGRAPHY: RELATIONS BETWEEN SPORTS SUCCESS AND URBAN CHARACTERISTICS

Fernando Rossetto Gallego Campos

fgallego@gmail.com

Instituto Federal de Santa Catarina, IFSC, Chapecó, SC

Universidade Federal da Fronteira Sul, UFFS, Chapecó, SC; Erechim, RS

Resumo: O futebol é um elemento intraurbano construtor de relação entre cidades, mas no Brasil há poucos estudos sobre como isto ocorre, especialmente em cidades médias. Assim, analisamos as relações entre sucesso futebolístico e características de 70 cidades médias, capitais regionais, e averiguamos um desenvolvimento heterogêneo. Contatamos que clubes de cidades médias do Sul e do Sudeste tendem a obter melhores resultados; ser da capital não influencia diretamente nos resultados; há relação positiva entre hierarquia urbana e sucesso futebolístico, com algumas exceções; não há relação entre tamanho demográfico e resultados esportivos; há relação positiva entre PIB e sucesso futebolístico.

Palavras-chave: Geografia Urbana, Espaço, Hierarquia Urbana, Capitais regionais, Campeonato brasileiro.

Resumen: El fútbol es un elemento intra-urbano de relación entre ciudades, pero en Brasil hay pocos estudios sobre cómo este ocurre, aún más en ciudades medias. Así, en este trabajo se analiza las relaciones entre éxito futbolístico y características de 70 ciudades medias, capitales regionales y averiguamos que el fútbol se desarrolla de forma heterogénea. Constatamos que clubes de ciudades medias del Sur y del Sudeste tienden a tener mejores resultados; ser de capital no influye directamente en los resultados; hay una relación positiva entre la jerarquía urbana y el éxito futbolístico, a pesar de excepciones; no hay relación entre tamaño demográfico y resultados deportivos; hay una relación positiva entre el PIB y el éxito futbolístico.

Palabras clave: Geografía Urbana, Espacio, Jerarquía Urbana, Capitales regionales, Campeonato Brasileño.

Abstract: Football is an intra-urban element and a constructor of relationship among cities, however in Brazil there are few studies about this theme, especially in medium-sized cities. Thus, we analyzed the relations between soccer success and the characteristics of 70 Brazilian medium-sized cities, regional capitals. We found

that soccer develops heterogeneously: clubs in medium-sized cities in the South and Southeast tend to perform better; being in the capital does not influence results directly; there is a positive relationship between urban hierarchy and soccer success, despite exceptions; there is no relation between demographic size and sports results; there is a positive relationship between GDP and soccer success.

Keywords: Urban Geography, Space, Urban Hierarchy, Regional Capitals, Brazilian Championship.

INTRODUÇÃO

Apesar de ser uma das principais manifestações culturais e simbólicas da sociedade brasileira e global, o futebol ainda é estudado de maneira muito tímida pelas Ciências Humanas, sobretudo pela Geografia. Apesar de trabalhos relevantes, ainda não foi criada uma tradição de estudos futebolísticos na ciência geográfica, o que mantém lacunas abertas para uma compreensão mais ampla no processo de produção e de apropriação do espaço (LEFEBVRE, 1991).

O futebol é um esporte de caráter territorial não apenas por sua materialidade no espaço – através de estádios, sedes de clubes ou torcidas, centros de treinamento, lojas, etc – mas também por sua forma de organização, pois a política institucional futebolística obedece as divisões em continentes, países, estados e municípios – e pelas relações que produz, que se materializam no espaço e/ou mantém seu caráter simbólico através de territorialidades. A compreensão destas dimensões do futebol passa pela compreensão da dinâmica espacial, assim como a compreensão da produção do espaço pressupõe a apreensão do futebol como elemento construtor de territorialidades.

Para Ravenel (1998), o futebol de alto nível é um equipamento urbano e a localização dos maiores clubes está relacionado à hierarquia urbana, mesmo que isto não seja uma regra, como no caso francês. Assim, os maiores clubes tendem a se localizar nas maiores e mais importantes cidades, e quando um clube de uma cidade menor, em geral cidade média, se destaca nacional ou internacionalmente, torna-se mais conhecido ou conhecido antes do que a cidade em si (BALE, 1992). Desta forma, podemos dizer que os clubes possuem importância simbólica no espaço intra-urbano, mas também são fundamentais na constituição da rede urbana.

Mesmo que a maioria dos estudos acerca do futebol na ciência geográfica esteja ligado ao espaço urbano, há carência de uma discussão mais ampla das relações entre futebol e características urbanas, como hierarquia, tamanho demográfico e Produto Interno Bruto (PIB), especialmente com foco em cidades médias. Além da questão da concentração das universidades públicas e programas de pós-graduação em Geografia em grandes cidades, o tema é pouco discutido porque, no circuito do clubismo brasileiro há clara predominância – no que tange a participação nos principais campeonatos, títulos e torcida – de clubes de grandes cidades/metrópoles (DAMO, 2014). Neste contexto, este trabalho pretende analisar as relações entre sucesso futebolístico e características das cidades médias brasileiras para

fomentar o debate deste tema. Para tal, lançamos cinco hipóteses, baseadas em estudos já realizados, como o de Hervé (2006) e o de Ravenel (1998):

- H1: Há relação entre a localização da cidade (região e estado) e sucesso futebolístico;
- H2: Há relação entre a cidade ser capital estadual e ter sucesso futebolístico;
- H3: Há relação entre hierarquia urbana e sucesso futebolístico;
- H4: Há relação entre o tamanho demográfico da cidade e sucesso futebolístico;
- H5: Há relação entre PIB municipal e sucesso futebolístico.

CIDADES MÉDIAS: DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO

Para Corrêa (2007, p. 23), a construção do conceito de cidade média passa pela “combinação entre tamanho demográfico, funções urbanas e organização de seu espaço intra-urbano”. Para Sposito (2006, p. 144), as cidades médias são “aquelas que desempenham papéis intermediários no âmbito das redes urbanas”. Já Pontes (2012) as define como centros urbanos com condições de atuar como suporte às atividades econômicas de sua hinterlândia, bem como pode manter relações com o mundo globalizado. Tais definições apontam muito mais para a direção da rede urbana e da hierarquia urbana do que para a direção do tamanho demográfico como critério primordial. A partir disto, a fim de operacionalizar esta pesquisa, estabelecemos como critério a hierarquia urbana brasileira (IBGE, 2008), pois nos livra da limitação do critério puramente do tamanho demográfico e ajuda, mesmo que com limitações, a considerar as especificidades regionais no estabelecimento das funções urbanas para além da escala local.

Neste sentido, Corrêa indica que o tamanho demográfico “deve ser relativizado” (CORRÊA, 2007, p. 25), o que nos leva ao primeiro obstáculo. Com que parâmetros havemos de relativizar o tamanho demográfico de uma cidade na rede urbana local, se há especificidades macrorregionais, bem como em regiões intermediárias? O parâmetro de que cidade média é aquela com população entre 100 a 500 mil habitantes é insuficiente, pois desconsidera tais especificidades, além de ser um critério arbitrário. Portanto o critério tamanho demográfico não será empregado, apesar de discutirmos sua relação com o sucesso futebolístico nas cidades médias.

Corrêa (2007) aponta ainda a necessidade de se estabelecer uma escala de referência para definir a posição da cidade em uma dada rede urbana. Trabalhamos com a escala nacional para definir as interações espaciais na escala extrarregional (CORRÊA, 2007), contemplando a principal divisão espacial futebolística, os campeonatos nacionais. Desta forma, foram consideradas nesta análise apenas 70 capitais regionais (Quadro 1). Dentre estas cidades, 14 são capitais estaduais. Além disto, estas cidades apresentam grande heterogeneidade tanto em tamanho demográfico – Ijuí, a menor, possui 83.173 habitantes, enquanto Campinas, a maior, 1.194.094 habitantes – quanto ao PIB, que varia de 2,3 bilhões, em Passos-MG, a 58,5 bilhões em Campinas.

Quadro 1. Cidades médias analisadas.

Hierarquia urbana	Quantidade	Municípios
Capital regional A	11	Aracaju-SE; Campinas-SP; Campo Grande-MS; Cuiabá-MT; Florianópolis-SC; João Pessoa-PB; Maceió-AL; Natal-RN; São Luís-MA; Teresina-PI; Vitória-ES.
Capital regional B	21	Blumenau-SC; Chapecó-SC; Joinville-SC; Campina Grande-PB; Cascavel-PR; Londrina-PR; Maringá-PR; Caxias do Sul-RS; Passo Fundo-RS; Santa Maria-RS; Feira de Santana-BA; Ilhéus/Itabuna-BA; Vitória da Conquista-BA; Juiz de Fora-MG; Montes Claros-MG; Uberaba-MG; Uberlândia-MG; Palmas-TO; Porto Velho-RO; Ribeirão Preto-SP; São José do Rio Preto-SP.
Capital regional C	38	Araguaína-TO; Arapiraca-AL; Araçatuba-SP; Araraquara-SP; Bauru-SP; Marília-SP; Piracicaba-SP; Presidente Prudente-SP; Santos-SP; São José dos Campos-SP; Sorocaba-SP; Barreiras-BA; Juazeiro-BA/Petrolina-PE; Boa Vista-RR; Cachoeiro do Itapemirim-ES; Campos dos Goytacazes-RJ; Volta Redonda/Barra Mansa-RJ; Caruaru-PE; Criciúma-SC; Divinópolis-MG; Governador Valadares-MG; Ipatinga/Coronel Fabriciano/Timóteo-MG; Passos-MG; Poços de Caldas-MG; Teófilo Otoni-MG; Dourados-MS; Ijuí-RS; Novo Hamburgo/São Leopoldo-RS; Pelotas/Rio Grande-RS; Imperatriz-MA; Juazeiro do Norte/Crato/Barbalha-CE; Sobral-CE; Macapá-AP; Marabá-PA; Santarém-PA; Mossoró-RN; Ponta Grossa-PR; Rio Branco-AC

Fonte: IBGE (2008).

Na perspectiva de Sposito (2006, p. 146) deve-se considerar os “movimentos e interações que se estabelecem em diferentes níveis escalares”. Portanto, não é possível ignorar a escala dos campeonatos estaduais, importantíssimos para o estabelecimento das territorialidades dos clubes, embora as disparidades entre estes torneios seja um fator que dificulte considerar resultados destes campeonatos em uma comparação em escala nacional. Neste sentido, a definição da escala nacional como referência, apesar de não eliminar as diferenças futebolísticas regionais ou estaduais, coloca como parâmetro a participação e o desempenho em torneios nacionais (e, eventualmente internacionais) que, em tese, podem ser acessados por todos os clubes do país.

Com relação a dimensão temporal, indicada por Correa (2007), será analisado mais especificamente o período recente, entre 2006 e 2019, mas também será considerado, em menor medida, o período entre 1959 a 2005. Em 1959 houve a primeira competição nacional (Taça Brasil), reconhecida posteriormente pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) como equivalente ao Campeonato Brasileiro. Desde então, houve uma série de mudanças na fórmula de disputa, bem como no número de clubes e nos critérios de participação nas competições nacionais. No entanto, a partir de 2006 o Campeonato Brasileiro estabilizou a fórmula de disputa (por pontos corridos) e o número de equipes nas duas principais divisões nacionais (Séries A e B, com 20 equipes em cada). Tal estabilização permite comparar não apenas quantitativamente as participações nestas duas divisões nacionais, mas também estabelece padrões qualitativos dos significados (esportivo, financeiro, político) do que representa disputar cada uma das divisões do futebol nacional. O recorte temporal escolhido pressupõe a ideia de processo, ao considerar as “relações entre o que está fixo e o que está em movimento” (SPOSITO, 2006, p. 156), não havendo sentido analisarmos apenas o ano de 2019.

PANORAMA DO FUTEBOL BRASILEIRO: ENTENDENDO A INSERÇÃO DAS CIDADES MÉDIAS EM TORNEIOS NACIONAIS

O futebol brasileiro possui algumas peculiaridades geográficas relacionadas a três aspectos: (1) grande extensão territorial, dificuldade de integração e consolidação recente de campeonatos nacionais; (2) existência de campeonatos estaduais; (3) concentração futebolística regional.

Dos principais centros futebolísticos mundiais (GIULIANOTTI, 2002), o Brasil é aquele que apresenta território mais extenso, o que dificultou a criação de um campeonato nacional (FRANCISCHINI, 2009). Além da extensão territorial, as carências do sistema de transportes brasileiro é outro fator limitante da integração nacional em diferentes aspectos. Apesar do reconhecimento da CBF dos títulos de torneios prévios¹, o Campeonato Brasileiro se efetivou apenas em 1971, muito depois da criação de campeonatos nacionais em outras potências futebolísticas, como Inglaterra (1888), Argentina (1891), Itália (1898), Uruguai (1900), Alemanha (1903), Espanha (1929) e França (1932). Portanto, diferentemente de outros países, o circuito do clubismo brasileiro se desenvolveu e praticamente se consolidou sem uma competição nacional (DAMO, 2014), através de campeonatos estaduais (e alguns regionais, com destaque para o Torneio Rio-São Paulo).

Tal cenário pode ser explicado não só pelas dificuldades de deslocamento e integração, mas também pela criação de espaços de representação do futebol locais (GALLEGO CAMPOS, 2018c) fomentados pela rivalidade entre cidades (relativamente) próximas e por diferentes comunidades clubísticas da mesma cidade. Este caráter proxêmico e territorial é o fundamento de grande parte das rivalidades futebolísticas do mundo (FRANCO JÚNIOR, 2017). Diversos campeonatos estaduais se consolidaram e criaram potências futebolísticas locais, com destaque aos campeonatos Paulista, Carioca, Mineiro e Gaúcho. Em outros estados, os campeonatos eram menos atrativos por questões técnicas (a base das seleções brasileiras campeãs da Copa do Mundo de 1958, 1962 e 1970 era composta por jogadores de clubes paulistas e cariocas, com alguns de clubes mineiros e gaúchos na Copa de 1970) e mercadológicas (nestes estados, criou-se uma massa de torcedores de clubes dos principais centros futebolísticos brasileiros devido aos meios de comunicação – rádio e, posteriormente, televisão – e aos processos migratórios).

Desta forma, os campeonatos estaduais construíram – já antes da criação de um campeonato nacional – grandes disparidades entre clubes e estados que, com raras exceções, perduram até os dias de hoje. Tal disparidade tem íntima ligação com processos de concentração de capital político, e sobretudo econômico, no espaço brasileiro. Os quatro estados tradicionalmente mais ricos e com maior influência política são os que reúnem os maiores clubes de futebol no Brasil, os chamados doze grandes: São Paulo (SC Corinthians, SE Palmeiras, Santos FC e São Paulo FC), Rio de Janeiro (Botafogo FR, CR Flamengo, Fluminense FC e CR Vasco da Gama), Minas Gerais (C Atlético Mineiro e Cruzeiro EC) e Rio Grande do Sul (Grêmio FPA e SC Internacional). Estes doze clubes concentram 90,3%

1 Em 2010 a CBF reconheceu como títulos equivalentes ao Campeonato Brasileiro as conquistas da Taça Brasil (1959-1968) e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1967-1970).

dos títulos do Campeonato Brasileiro Unificado (1959-2018), sendo outros cinco clubes campeões brasileiros de estados também com relativa centralidade econômica e política: EC Bahia, Guarani FC (São Paulo), Sport CR (Pernambuco), C Atlético Paranaense e Coritiba FC (Paraná).

Há, portanto, forte centralização regional (principalmente no Centro-Sul) e também em grandes cidades/metrópoles – somente nove cidades possuem clubes campeões brasileiros, sendo capitais e metrópoles, exceto Campinas (Capital Regional A) e Santos (Capital Regional C) (IBGE, 2018).

Neste contexto, é relegado papel secundário na disputa por títulos nacionais à maioria dos clubes de cidades médias, devido ao seu menor poder econômico e político, bem como sua menor tradição. No entanto, estas são fundamentais na construção do espaço de representação do futebol, não apenas em escala regional/estadual como também em escala nacional, conforme veremos a seguir.

Campeonatos nacionais: participações e títulos

Os critérios para participação em competições nacionais variaram historicamente, passando por resultados em competições estaduais (no princípio nem todas as unidades da federação participavam, sendo a política o principal fator), indicações e até renda média dos jogos (FRANCISCHINI, 2009). Atualmente, são disputados dois campeonatos nacionais: a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro. A Copa do Brasil, criada em 1989, conta com participantes de todas as unidades da federação e os critérios de definição dos representantes são definidos nas federações estaduais. Além disto, há clubes que se qualificam para a Copa do Brasil a partir do *ranking* da Confederação Brasileira de Futebol (CBF, 2019a). A edição de 2019 envolveu 91 clubes.

Desde 1980² o Campeonato Brasileiro, principal competição nacional, tem seus participantes definidos por resultados em edições anteriores (permanência, acesso e descenso), com exceção à Série D (única divisão que tem participação de todas as unidades da federação, sendo seus participantes definidos por critérios de cada uma das federações estaduais, além daqueles que foram rebaixados na Série C do ano anterior). A atual configuração do Campeonato Brasileiro é em quatro séries:

Série A: pontos corridos em turno e returno, com 20 clubes, sendo os quatro últimos rebaixados para a Série B. Possui este formato desde 2006;

Série B: pontos corridos em turno e returno, com 20 clubes, sendo os quatro primeiros promovidos para a Série A e os quatro últimos rebaixados para a Série C. Também tem esse formato desde 2006;

2 Em 1971 e 1972, foram realizados torneios nacionais com clubes não classificados ou não convidados para o Campeonato Brasileiro, pois muitas federações não conseguiram politicamente vaga na CBF (FRANCISCHINI, 2009). Estes torneios não eram a forma de acesso à principal divisão, mas comumente são considerados como equivalentes à Série B atual.

Série C: 20 clubes divididos em dois grupos de 10, a partir de critério geográfico, que disputam turno e returno. Os quatro primeiros de cada grupo se classificam para fases eliminatórias em dois jogos (quartas de final, semifinal e final), sendo que os quatro semifinalistas sobem para a Série B e os dois últimos colocados em cada um dos grupos da primeira fase são rebaixados para a Série D. Tem esta fórmula desde 2010. Anteriormente tinha seus representantes definidos pelas federações estaduais, como é hoje a Série D (que passou a existir a partir de 2010);

Série D: 68 clubes divididos em 17 grupos de quatro clubes, a partir de critério geográfico. Classificam-se 32 clubes para a segunda fase, que é eliminatória em sistema mata-mata, como as fases seguintes. Os quatro semifinalistas garantem acesso à Série C do ano seguinte. Não há rebaixamento, pois os participantes são definidos a cada ano através de critério das federações: cada federação possui dois representantes, mas as dez federações mais bem ranqueadas ganham uma vaga extra, com exceção àquela mais bem ranqueada, que ganha duas vagas extras. Aos 68 clubes somam-se os quatro que foram rebaixados da Série C do ano anterior.

Em um país com mais de 660 clubes profissionais ativos, a participação nas três principais divisões do futebol profissional, sobretudo para um clube de cidade média, pode ser considerada uma conquista. Entretanto, é possível observar a disparidade em relação ao número de representantes das cidades pesquisadas entre a Série A e as Séries B e C. Em 2019, quatro clubes (20% dos participantes) de quatro cidades médias disputaram a Série A: Santos FC (Santos-SP), A Chapecoense F (Chapecó-SC), CSA (Maceió-AL) e Avaí FC (Florianópolis-SC). Os demais participantes são todos de metrópoles: Rio de Janeiro (4), São Paulo (3), Belo Horizonte (2), Porto Alegre (2), Fortaleza (2), Curitiba (1) e Salvador (1). Por outro lado, na Série B havia 11 representantes de dez das cidades pesquisadas (55% do total)³: Botafogo FC (Ribeirão Preto-SP), GE Brasil (Pelotas-RS), CRB (Maceió-AL), Criciúma EC (Criciúma-SC), Cuiabá EC (Cuiabá-MT), Figueirense FC (Florianópolis-SC), Guarani FC (Campinas-SP), Londrina EC (Londrina-PR), Operário Ferroviário EC (Ponta Grossa-PR), AA Ponte Preta (Campinas-SP) e EC São Bento (Sorocaba-SP). Na Série C participaram nove clubes (45% do total)⁴ de nove cidades médias: ABC FC (Natal-RN), Atlético Acreano (Rio Branco-AC), Botafogo FC (João Pessoa-PB), AD Confiança (Aracaju-SE), S Imperatriz D (Imperatriz-MA), EC Juventude (Caxias do Sul-RS), Sampaio Corrêa FC (São Luís-MA), Treze FC (Campina Grande-PB) e Volta Redonda FC (Volta Redonda-RJ). Na Série B, há ainda dois clubes de cidades que ficaram fora do nosso recorte de pesquisa (CA Bragantino, de Bragança Paulista-SP, e Oeste FC, de Barueri-SP), além de sete clubes de metrópoles. Na Série C, há outros cinco clubes de cidades que ficaram fora do nosso recorte (Boa EC, de Varginha-MG; Globo FC, de Ceará-Mirim-RN; Luverdense EC, de

3 Mais dois clubes de cidades que ficaram fora do nosso recorte de pesquisa: CA Bragantino, de Bragança Paulista-SP, e Oeste FC, de Barueri-SP, além de sete clubes de metrópoles.

4 Mais cinco clubes de cidades que ficaram fora do nosso recorte: Boa EC, de Varginha-MG; Globo FC, de Ceará-Mirim-RN; Luverdense EC, de Lucas do Rio Verde-MT; Tombense FC, de Tombos-MG; e Ypiranga FC, de Erechim-RS, além de seis clubes de metrópoles.

Lucas do Rio Verde-MT; Tombense FC, de Tombos-MG; e Ypiranga FC, de Erechim-RS), além de seis clubes de metrópoles.

Nas Séries B e C, a rotatividade de clubes e, portanto, de cidades, é maior do que na Série A. Desde 2006, quando o campeonato passou a ser disputado por 20 participantes, apenas 40 clubes jogaram a Série A e destes, 19 estiveram presentes em pelo menos 50% destas edições, dos quais apenas Santos (14 participações) e Figueirense (8) pertencem a cidades médias. Estes dados, portanto, evidenciam a prevalência dos clubes de cidades grandes na maior competição do futebol nacional. Além disto, indicam a dificuldade do futebol profissional, competitivo nacionalmente, de se estabelecer em cidades médias – mesmo que estas estejam apresentando crescimento econômico e demográfico (RAMOS; MATOS; GARCIA, 2011; GODOY; CASTRO; ALVES, 2015). Das 70 cidades médias brasileiras, apenas 11 tiveram representantes na Série A desde 2006, e 22 na Série B, no mesmo período (Tab. 1). É possível observar, portanto, que a Série A tende a concentrar clubes de metrópoles, enquanto as Série B e C são o *locus* habitual de clubes de cidades médias, apesar de também reunir clubes de metrópoles e de cidades pequenas.

Tabela 1. Clubes de cidades médias com participação nas Séries A, B e C (2006-2019)

Cidade	Clubes	Participações			Série atual (2019)
		A (2006-19)	B (2006-19)	C (2010-19)	
Aracaju-SE	AD Confiança	0	0	5	C
Araguaína-TO	Araguaína FR	0	0	1	Sem divisão
Arapiraca-AL	ASA	0	4	4	D
Campina Grande-PB	Treze FC	0	0	4	C
	Campinense C	0	1	2	D
Campinas-SP	AA Ponte Preta	6	8	0	B
	Guarani FC	1	7	5	B
Caxias do Sul-RS	EC Juventude	2	4	5	C
	SER Caxias	0	0	6	D
Chapecó-SC	A Chapecoense F	6	1	3	A
Criciúma-SC	Criciúma EC	2	9	1	B
Cuiabá-MT	Cuiabá EC	0	1	7	B
Florianópolis-SC	Figueirense FC	8	6	0	B
	Avaí FC	6	8	0	A
Imperatriz-MA	S Imperatriz D	0	0	1	C
Ipatinga-MG	Ipatinga FC	1	4	1*	Sem divisão
João Pessoa-PB	Botafogo FC (Botafogo-PB)	0	0	6	C
Joinville-SC	Joinville EC	1	4	2	D
Juazeiro-BA	SD Juazeirense	0	0	1	D
Juazeiro do Norte-CE	Icasa EC	0	4	2	Sem divisão
Juiz de Fora-MG	Tupi FC	0	1	5	Sem divisão
Londrina-PR	Londrina EC	0	4	1	B
Maceió-AL	CSA	1	1	1	A
	CRB	0	9	4	B
Marabá-PA	Águia de Marabá FC	0	0	6	Sem divisão

continua

conclusão

Cidade	Clubes	Participações			Série atual (2019)
		A (2006-19)	B (2006-19)	C (2010-19)	
Marília-SP	Marília AC	0	3	2	Sem divisão
Mossoró-RN	ACEC Baraúnas	0	0	1	Sem divisão
	ABC FC	0	8	3	C
Natal-RN	América FC (América-RN)	1	7	3	D
	Alecrim FC	0	0	1	Sem divisão
Pelotas-RS	GE Brasil	0	4	1	B
Ponta Grossa-PR	Operário Ferroviário EC	0	1	1	B
Presidente Prudente-SP	Grêmio Prudente F Ltda	1*	0*	0*	Extinto
Ribeirão Preto-SP	Botafogo FC (Botafogo-SP)	0	1	3	B
Rio Branco-AC	Atlético Acreano	0	0	2	C
	Rio Branco FC	0	0	3	D
Santarém-PA	São Raimundo EC	0	0	1	D
Santos-SP	Santos FC	14	0	0	A
São Luís-MA	Sampaio Corrêa FC	0	4	3	C
	Moto Club SL	0	0	1	D
Sobral-CE	Guarany SC	0	0	1	Sem divisão
Sorocaba-SP	EC São Bento	0	2	1	B
Teresina-PI	River AC	0	0	1	D
Volta Redonda-RJ	Volta Redonda FC	0	0	3	C

* O Grêmio Prudente jogou a Série A de 2010 por Presidente Prudente-SP, mas, em 2011, retornou para Barueri e voltou a se chamar Grêmio Barueri, nome de 1989 a 2010 e de 2011 a 2017, quando foi extinto.

Das cidades pesquisadas, 43 (61,43%) não possuem representantes em nenhuma das divisões nacionais; 11 têm clubes na Série D (15,71%); nove na Série C (12,86%); dez na Série B (14,29%); e apenas quatro na Série A (5,71%). Sete destas cidades possuem representantes em mais de uma divisão.

Se considerarmos a melhor campanha de clubes de cada cidade no período de estudo⁵, temos 24 cidades sem participação em nenhuma divisão nacional⁶ (39,29%); 11 cidades com clubes na atual Série D (15,71%); 12 cidades que tiveram como melhor resultado jogar a Série C (17,14%); 12 na Série B (17,14%); e 11 na Série A (15,71%).

Ao analisarmos a participação dos clubes de cidades médias na Série A no período entre 2006 e 2019, percebemos um certo padrão. Além do Santos ter jogado todas as edições, há sempre um ou mais clubes de Santa Catarina (Figueirense – oito vezes; Avaí – seis vezes; Chapecoense – seis vezes; Criciúma – duas vezes; Joinville – uma vez). A cidade de Campinas também tem presença constante, com sete participações em 14 edições (seis vezes a Ponte Preta e uma o Guarani). Outros clubes de cidades médias que disputaram a Série

5 O período de análise é de 2006 a 2019 para as Séries A e B; de 2010 a 2019 para a Série C, já que antes a competição tinha outro formato; e para a Série D, consideramos apenas 2019.

6 Blumenau-SC, Cascavel-PR, Santa Maria-RS, Ijuí-RS, Novo Hamburgo/São Leopoldo-RS, São José do Rio Preto-SP, Araçatuba-SP, Bauru-SP, Piracicaba-SP, São José dos Campos-SP, Cachoeiro do Itapemirim-ES, Campos dos Goytacazes-RJ, Montes Claros-MG, Uberaba-MG, Uberlândia-MG, Divinópolis-MG, Governador Valadares-MG, Passos-MG, Teófilo Otoni-MG, Ilhéus/Itabuna-BA, Vitória da Conquista-BA, Barreiras-BA, Dourados-MS e Porto Velho-RO.

A no período de 2006 a 2019 foram: Juventude (duas vezes), América de Natal, Ipatinga, Grêmio Prudente e CSA (uma vez). Neste período, o número de participantes variou de dois (10% dos clubes) em 2018, a seis (30%), em 2015. A média anual de participação na Série A dos clubes pesquisados é de 3,6 clubes por ano, o que representa cerca de 18% dos clubes que jogaram a Série A. Os demais que disputaram a competição são de metrópoles e de municípios de suas Áreas de Concentração de População - ACP (IBGE, 2016a).

Entretanto, com exceção ao Santos e à Chapecoense (entre 2014 e 2019), conforme é possível ver na Tabela 2, os clubes de cidades médias têm dificuldade de se manter na Série A. Figueirense (2006-2008 e 2014-2016) conseguiu permanecer por três anos seguidos, assim como Avaí (2010-2012) e Ponte Preta (2015-2017). América, Ipatinga, Guarani e Joinville, no período, não conseguiram se manter na Série A depois de subirem da Série B, o que indica a discrepância esportiva e econômica entre os maiores clubes do país e clubes de cidades médias. Além da dificuldade de se manter na Série A, os clubes de cidades médias com menos de três participações na Série A também tiveram rebaixamentos para a Série C e, com exceção ao Criciúma, também para a Série D.

Tabela 2. Histórico de participações de clubes de cidades médias na Série A (2006-2019).

Clube	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	Participações (%)
Santos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	100,00
Figueirense	X	X	X			X	X		X	X	X				57,14
Avaí				X	X	X				X		X		X	42,86
Ponte Preta	X						X	X		X	X	X			42,86
Chapecoense									X	X	X	X	X	X	42,86
Juventude	X	X													14,29
Criciúma								X	X						14,29
América-RN		X													7,14
Ipatinga			X												7,14
Grêmio Prudente					X										7,14
Guarani					X										7,14
Joinville										X					7,14
CSA														X	7,14

Fonte: o autor.

Se a participação de clubes de cidades médias é restrita na Série A, as conquistas são ainda mais. Desde 1959, conseguiram vencer o torneio apenas Santos (oito vezes: 1961-1965, 1968, 2002 e 2004) e Guarani (1978), com 14,5% dos títulos. O Santos também ganhou uma Copa do Brasil (2010), torneio com maior participação de clubes de cidades médias, devido ao processo de classificação e ao elevado número de equipes (91, em 2019). Mesmo assim houve poucos campeões de cidades médias nesta competição. Além do Santos, apenas Criciúma (1991) e Juventude (1999) conquistaram a Copa do Brasil, perfazendo 10% dos títulos.

Com exceção ao Santos⁷, tricampeão da Libertadores (1962, 1963 e 2011) e, recentemente, à Chapecoense⁸, campeã da Copa Sul-americana de 2016, os clubes de cidades médias não possuem títulos internacionais e têm poucas participações em torneios oficiais sul-americanos (Tab. 3). Assim como na Série A do Campeonato Brasileiro, as participações praticamente se restringem a clubes de Santa Catarina e de São Paulo.

Tabela 3. Participações de clubes de cidades médias na Copa Libertadores da América e na Copa Sul-americana (1960-2019).

Cidade	Clube	Participações na Libertadores	Participação na Sul-americana
Santos-SP	Santos FC	14	6
Campinas-SP	Guarani	3	0
	Ponte Preta	0	3
Chapecó-SC	Chapecoense	2	5
Criciúma-SC	Criciúma	1	2
Caxias do Sul-RS	Juventude	1	1
Florianópolis-SC	Figueirense	0	4
	Avaí	0	1
Presidente Prudente-SP	Grêmio Prudente	0	1
Joinville-SC	Joinville	0	1
Cuiabá-MT	Cuiabá	0	1
TOTAL		21	24

Fonte: o autor.

Já na Série B, há grande participação de clubes de cidades médias. No período de 2006 a 2019, o número de participantes na Série B variou de quatro (20% dos clubes), em 2015 (ano com mais clubes de cidades médias na Série A) a 12 (60%), em 2018. Foram 25 clubes, de 21 cidades. O índice de participação foi de 7,57 por temporada, o que representa 37,86% dos clubes (pouco mais que o dobro do índice da Série A). As cidades médias conquistaram sete títulos da Série B (18,42% do total): Sampaio Corrêa (1972), Londrina (1980), Guarani (1981), Uberlândia (1984), Juventude (1994), Criciúma (2002) e Joinville (2014).

Percebe-se, portanto, a heterogeneidade em relação ao desenvolvimento do futebol em cidades médias, o que pode estar ligado a diversos fatores, os quais discutiremos no próximo capítulo.

7 A construção do Santos como grande clube no cenário paulista, nacional e internacional passa necessariamente no período em que Pelé liderou um dos times mais vitoriosos da história do futebol mundial (1956-1974). Antes de Pelé, o Santos tinha conquistado dois campeonatos paulistas. Com o jogador, foram 11 títulos paulistas, 4 Torneios Rio São-Paulo, 6 nacionais, 4 continentais e 2 mundiais. Depois de Pelé, o Santos conquistou 9 títulos paulistas, 1 Rio-São Paulo, 3 nacionais e 4 continentais. Além dos títulos, o período de Pelé fez com que o Santos mudasse de patamar em número e alcance geográfico de torcedores, que se espalham por todo o Brasil. Ao fazer uma crítica ao livro *Veneno e Remédio: o futebol e o Brasil*, de José Miguel Wisnik, Jilário Franco Júnior (2017) discute a importância do caráter arquetípico do Santos de Pelé na formação do torcedor e do pensamento sobre futebol de Wisnik. Tal dimensão simbólica pode ser apontada como um dos motivos para o sucesso duradouro do Santos, além de sua torcida, estrutura e capacidade de investimento.

8 Os fatores que explicam o recente sucesso da Chapecoense, desde seu acesso da Série D à Série A, são diversos. Alguns deles podem ser o grande envolvimento da comunidade chapecoense em torno do clube (único da cidade); grande apoio dos empresários locais, que passaram assumir cargos importantes no clube (Chapecó é um importante polo agroindustrial); forte relação entre clube e prefeitura (o que também permitiu apropriação política da Chapecoense); e gestão financeira e esportiva eficientes e de acordo com as possibilidades em cada estágio de desenvolvimento do clube (o que permitiu investimentos em infraestrutura, categorias de base, etc.) (ver GALLEGO CAMPOS, 2018a; 2018b).

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Relação entre localização e sucesso futebolístico

Sobre a localização dos clubes, levaremos em conta, primeiramente, a macrorregião e, posteriormente, o estado em que se localizam. Devido à complexidade da rede urbana, as regiões Sudeste (26 cidades), Nordeste (18) e Sul (15) possuem mais cidades médias. Norte e Centro-Oeste têm apenas oito e três, respectivamente.

Os dados dispostos na Tabela 4 indicam que o Sudeste é a região em que há mais cidades médias sem representantes em nenhuma divisão nacional. Ao contrário do que possa parecer, este dado não indica insucesso esportivo da região, mas uma grande concorrência com clubes das três metrópoles e suas ACP (São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte), bem como de clubes de séries A e B. Outro fator é o desenvolvimento do futebol em cidades pequenas, sobretudo em São Paulo e Minas Gerais, que acabam disputando vagas na Série D com clubes de cidades médias (atualmente há dois clubes paulistas de cidades pequenas e um da ACP de São Paulo na Série D; um de cidade pequena fluminense e dois da ACP do Rio de Janeiro; além de dois clubes de cidades pequenas mineiras).

Tabela 4. Melhores resultados esportivos por cidade e por macrorregião (2006-2019).

Região	Número de representantes*									
	Sem série (%)		Série D (%)		Série C (%)		Série B (%)		Série A (%)	
Sudeste	14	53,8	3	11,5	1	3,9	4	15,4	4	15,4
Nordeste	3	16,6	2	11,1	7	38,9	4	22,2	2	11,1
Sul	5	33,3	2	13,3	0	0,0	3	20,0	5	33,3
Norte	1	12,5	3	37,5	4	50,0	0	0,0	0	0,0
Centro-Oeste	1	33,3	1	33,3	0	0,0	1	33,3	0	0,0

* Consideramos a melhor campanha de um clube da cidade, considerando o período de 2006 a 2019 para as Série A e B, de 2010 a 2019 para a Série C e o campeonato de 2019 para a Série D. Por exemplo, se um clube jogou dez vezes a Série B, mas tem uma participação na Série A, a cidade deste clube está relacionada na coluna "Série A".

Assim como no Sul, em que nenhum clube teve como melhor resultado 'jogar na Série C', no Sudeste os clubes que conseguiram subir da Série D para a C tendem a avançar pelo menos até a Série B. Alguns dos exemplos do Sul são Chapecoense e Joinville (que chegaram à Série A), Londrina, Operário Ferroviário e Brasil (que chegaram à Série B); e do Sudeste, Tupi, São Bento e Botafogo-SP (que chegaram à Série B). Entretanto, a competitividade nos campeonatos estaduais do Sudeste fez com que Marília e Tupi, que já jogaram na Série B, e Ipatinga e Grêmio Prudente, que já jogaram na Série A, ficassem atualmente sem divisão nacional. Estes dois últimos chegaram a mudar de cidade (Ipatinga se transferiu por um ano para Betim-MG) e o Grêmio Prudente voltou a Barueri, sua cidade de origem, para depois ser extinto, em 2017.

A Região Sul é a que possui mais clubes de cidades médias que tendem a jogar na Série A, uma vez que um terço das cidades médias da região já tiveram clubes na Série A, além de um quarto de cidades que tiveram como melhor resultado a participação na Série B. Além do desenvolvimento esportivo, com estaduais relativamente competitivos,

há, em comparação com o Sudeste, poucos clubes de metrópoles no Sul que jogaram a Série A (cinco contra 11).

Por outro lado, a Região Norte é única onde os clubes médios não conseguiram avançar para a Série B, e onde metade das cidades médias possuem representantes na Série C. As metrópoles Manaus e Belém também não têm tido bons resultados nas últimas temporadas.

O Centro-Oeste possui poucas cidades médias, mas Cuiabá consegue se destacar, já que as demais não conseguiram avançar sequer até à Série C. Das metrópoles, Goiânia tem futebol desenvolvido, constantemente com clubes na Série A, mas Brasília se restringe, atualmente, à Série D.

O Nordeste é a região com maior equilíbrio entre as cinco categorias, sendo que a maior concentração de melhores resultados de cidades médias está nas Séries B e C, mas clubes de Natal e Maceió conseguiram chegar à Série A - na região, há sete clubes de metrópoles que disputaram a Série A entre 2006 e 2019.

No entanto, se considerarmos a constância em participação na Série A, apenas Sudeste e Sul tiveram representantes de cidades médias nas últimas 14 edições. América-RN ficou na Série A por apenas uma temporada e CSA subiu agora em 2018. Portanto, há tendência de maior sucesso esportivo de clubes de cidades médias do Sudeste e do Sul. Isto corrobora o estudo realizado por Hervé sobre a relação entre futebol e hierarquia urbana no Brasil, em 2006. Segundo o autor, “no Sul e no Sudeste diversas cidades médias obtêm resultados na mesma ordem de grandeza das capitais das regiões periféricas” (HERVÉ, 2006, p. 9-10).

Se analisarmos por estado, percebemos que São Paulo e Santa Catarina concentram grande parte dos representantes de cidades médias na Série A entre 2006 e 2018: Santos, Ponte Preta, Guarani e Grêmio Prudente (São Paulo); e Figueirense, Avaí, Chapecoense, Criciúma e Joinville (Santa Catarina). As exceções são Juventude (duas participações) Ipatinga (uma), América-RN (uma) e CSA (uma). Para Hervé (2006, p. 10), “o papel das cidades médias é a razão maior da superioridade do Estado de São Paulo sobre os demais”. Isto se deve, em grande parte ao Santos FC, assim como aos clubes de Campinas, mas não é possível ignorar que os resultados dos três grandes clubes da capital paulista - Corinthians, Palmeiras e São Paulo - são suficientes para superar os demais estados (CBF, 2019b).

São Paulo e Santa Catarina também têm os seis clubes de cidades médias mais bem colocados no *ranking* da CBF (2019b): Santos (4ª posição e único campeão nacional no período analisado), Chapecoense (10ª), Ponte Preta (18ª), Avaí (21ª), Figueirense (22ª) e Criciúma (29ª). Fora destes estados, os clubes de cidades médias mais bem posicionados são Juventude (31ª), CRB (32ª, o mais bem colocado do Nordeste) e Londrina (35ª). CSA e América-RN, únicos dois representantes de cidades médias nordestinas na Série no período analisado, ocupam, respectivamente a 45ª e a 49ª posições, o que demonstra inconstância de seus resultados em competições nacionais. O clube de cidade média mais bem colocado do Centro-Oeste é o Cuiabá (47º, bem atrás do Luverdense, que é o 30º) e do Norte é Atlético Acreano (64º colocado).

Os dados demonstram que a relação entre localização e sucesso futebolístico não é determinante, mas que clubes de cidades médias do Sul e do Sudeste e, mais especificamente, de São Paulo e Santa Catarina, tendem a ter melhores resultados.

Relação entre ser capital e sucesso futebolístico

Já verificamos a relação entre localização e sucesso futebolístico, mas será que os clubes de capitais tendem a ter mais sucesso do que os demais? Nesta análise consideraremos apenas estados que têm duas ou mais cidades médias, sendo uma delas a capital: Santa Catarina (5 cidades), Espírito Santo (2), Mato Grosso do Sul (2), Tocantins (2), Alagoas (2), Paraíba (2), Rio Grande do Norte (2) e Maranhão (2).

No Espírito Santo, Maranhão e Rio Grande do Norte há claro domínio esportivo de clubes das capitais. Apesar da atual irrelevância do futebol de Vitória nacionalmente (o Espírito Santo é o 24º colocado no *ranking* das federações da CBF (2019a), os principais clubes do estado são da ACP de Vitória. Não há nenhuma participação nos últimos anos de clubes de Cachoeiro do Itapemirim-ES em campeonatos brasileiros. No Tocantins a situação é parecida - nacionalmente não há nenhum resultado relevante nos últimos anos e o clube mais bem ranqueado, o Interporto (124º), é da RM de Palmas. No entanto, o melhor resultado no período analisado foi a participação do Araguaína na Série C.

No caso do Maranhão, os clubes da capital - Sampaio Corrêa (38º colocado) e Moto Club (65º) - estão mais bem ranqueados que o clube de Imperatriz (111º). Além disso, o Sampaio Corrêa jogou quatro vezes a Série B e três vezes a Série C nos últimos 14 anos e o Imperatriz FC está estreando em 2019 na Série C. No caso do Rio Grande do Norte, ABC (43º no ranking da CBF) e América-RN (49º) são presença constante na Série B (dez no total) e o América-RN chegou a jogar a Série A em 2007. Já o Baraúnas (209º), equipe de Mossoró-RN, disputou apenas uma vez a Série C.

Em Alagoas também predomina o futebol da capital, mas há resultados consideráveis do futebol de Arapiraca, onde o ASA (52º) jogou quatro vezes a Série B e quatro vezes a Série C. O CRB (32º) e CSA (45º), ambos de Maceió, são os clubes alagoanos mais bem ranqueados - o CRB jogou nove vezes na Série B e quatro na Série C no período analisado; em 2016 o CSA estava na Série D, mas conseguiu acessos em anos seguidos e, em 2019, está na Série A. O cenário do Mato Grosso do Sul é parecido, onde o Operário-MS, de Campo Grande, clube mais tradicional, voltou a disputar uma divisão nacional depois de 11 anos. O clube mais bem colocado no *ranking* é o Comercial-MS (103º), seguido do Sete de Setembro, de Dourados (120º com cerca da metade dos pontos do rival da capital).

Na Paraíba o cenário se inverte, pois os resultados dos clubes de Campina Grande são mais expressivos no período analisado: o Campinense (69º) jogou uma Série B e duas vezes a Série C, competição disputada quatro vezes pelo Treze (92º). No entanto, o Botafogo-PB (46º), de João Pessoa-PB, tem um *ranking* melhor devido aos resultados nos últimos anos.

O caso de Santa Catarina chama atenção pelo equilíbrio entre Florianópolis e cidades médias do interior em um patamar superior ao dos demais estados analisados (Santa

Catarina é o 5º. no *ranking* das federações). Avaí (21º), e Figueirense (22º), clubes da capital, possuem juntos catorze participações em cada uma das duas principais divisões nacionais. Os três clubes do interior catarinense – Chapecoense, Criciúma e Joinville – têm nove participações na Série A e 12 na Série B. No entanto, a Chapecoense é o clube mais bem ranqueado do estado (10º) e o único com um título da Copa Sul-americana (2016) e duas participações em Libertadores (2017 e 2018). É também, entre todos os clubes analisados, o segundo com mais participações seguidas na Série A: seis, de 2014 a 2019. Além disto, somados, os três clubes do interior possuem mais pontos no ranking da CBF do que os da capital, apesar de terem um pouco menos de pontos na média (6.328 *versus* 6.393).

Os dados demonstram que não há clara relação entre o clube ser de uma capital e ter melhores resultados esportivos. Rio Grande do Norte, Espírito Santo e Maranhão têm claro predomínio do futebol da capital, mas em Alagoas e Mato Grosso do Sul este predomínio não é tão claro., enquanto na Paraíba e Tocantins os resultados mais expressivos são de clubes das cidades médias do interior. Em Santa Catarina, há equilíbrio entre capital e interior.

Relação entre hierarquia urbana e sucesso futebolístico

Foi averiguado se há relação entre a posição na hierarquia urbana e resultados esportivos, considerando que há cidades em três níveis hierárquicos: capitais regionais A, B e C. Em um estudo semelhante, mas com diferenças metodológicas e de recorte (considerando todos os clubes e cidades brasileiras), Hervé (2006, p. 8) indicou, exceto em Santos, “a hierarquia futebolística está calcada na hierarquia urbana”. A Tabela 5 apresenta os melhores resultados de cada uma das cidades médias agrupadas pela posição que ocupam na hierarquia urbana brasileira (IBGE, 2008).

Tabela 5. Melhores resultados por cidade e por posição na hierarquia urbana (2006-2019).

Hierarquia urbana	Número de representantes*									
	Sem série (%)		Série D (%)		Série C (%)		Série B (%)		Série A (%)	
Capital Regional A	0	0,0	2	18,2	3	27,3	2	18,2	4	36,4
Capital Regional B	10	47,6	4	19,1	0	0,0	4	19,1	3	14,3
Capital Regional C	14	36,8	5	13,2	9	23,7	6	15,8	4	10,5

* Consideramos a melhor campanha de um clube da cidade, considerando o período de 2006 a 2019 para as Série A e B, de 2010 a 2019 para a Série C e o campeonato de 2019 para a Série D. Por exemplo, se um clube jogou dez vezes a Série B, mas tem uma participação na Série A, a cidade deste clube está relacionada na coluna “Série A”.

Fonte: o autor.

As capitais regionais A apresentam, relativamente, maior número de participantes na Série A (36,37%), mais do que o dobro das capitais regionais B (14,29%) e C (10,53%). É também a única categoria a não possuir cidades com clubes sem divisão nacional, enquanto nas capitais regionais B ocorrem dez 10 (47,62%) e nas C, 14 (36,84%).

Mais da metade (54,55%) das capitais regionais A tiveram clubes que jogaram as duas principais divisões do futebol brasileiro. Já nas capitais regionais B e C, os índices

caem para um terço (33,34%) e aproximadamente a um quarto (26,32%) das cidades, respectivamente. Portanto, há uma tendência de que seja mais comum que clubes de cidades médias com posição mais elevada na hierarquia urbana joguem, em algum momento, nas Séries A e B. No entanto, esta participação pode ser esporádica, como o caso das capitais regionais A Natal e Maceió (uma participação na Série A de cada), enquanto clubes de cidades com posição inferior na hierarquia urbana possuem participação mais constante, como é o caso da Chapecoense (capital regional B, com seis) e do Santos (capital regional C, com 14).

Somados, os clubes de capitais regionais A possuem mais participações em cada uma das três principais divisões nacionais do que os clubes das demais classes da hierarquia urbana. São 23 participações na Série A (destaque para clubes de Florianópolis e Campinas) contra nove das capitais regionais B (seis da Chapecoense) e 18 das capitais regionais C (14 delas do Santos). Na Séries B e C, são, respectivamente, 59 e 40 participações de clubes de capitais regionais A contra 16 e 31 de capitais regionais B e 31 e 33 das capitais regionais C. Percebe-se, portanto, que os clubes das capitais regionais C têm mais participação que clubes das capitais regionais B.

Se considerarmos o *ranking* da CBF, veremos que o clube de cidade média mais bem colocado é de uma capital regional C – Santos, na 4ª colocação – seguido por um clube de uma capital regional B – Chapecoense, na 10ª colocação. Depois seguem três clubes de capitais regionais A: Ponte Preta (18ª), Avaí (21ª) e Figueirense (22ª). Ao somar pontuação no *ranking* da CBF (2019b) dos cinco mais bem colocados por classe de hierarquia urbana constatamos que há um equilíbrio entre as capitais regionais B e C (25.391 e 26.547) e que os clubes das capitais regionais A, mesmo não tendo as duas melhores colocações, despontam na liderança quando seus pontos são somados (28.942).

Os dados indicam que há relação entre hierarquia urbana e sucesso futebolístico, sendo que os clubes de capitais regionais A estão mais propensos a disputar as principais divisões do futebol nacional. No entanto, Santos (capital regional C) e Chapecoense (capital regional B) se apresentam como exceções não apenas pela colocação no *ranking* da CBF, mas por serem os únicos clubes com títulos nacionais e/ou internacionais no período de 2006 a 2019.

Relação entre tamanho demográfico e sucesso futebolístico

Uma das condições para um clube ter sucesso esportivo e econômico é ter uma grande torcida. A existência e o engajamento da torcida ao clube é um “capital imprescindível para ter acesso a outros capitais” (DAMO, 2007). Nesta perspectiva, seria lógico pensar que quanto maior a população da cidade do clube, maior é sua possibilidade de sucesso. Hervé (2006), ao dividir a pontuação dos clubes no *ranking* da CBF por cada 10.000 habitantes, indicou que as grandes cidades ocupavam as mais altas posições, com exceção, na época, de Santos, Caxias do Sul e Criciúma.

Para averiguar a relação entre tamanho demográfico e sucesso futebolístico nas cidades médias brasileiras, dividimos as 70 cidades pesquisadas em cinco grupos iguais de acordo com sua população (IBGE, 2018) Os quintis estão dispostos na Tabela 6 com os respectivos números de cidades de acordo com o melhor resultado dos clubes no período analisado, percentuais por quintil e número de participações em cada divisão (considerando a soma de todos os clubes).

Tabela 6. Melhores resultados por cidade e por população (2006-2019).

Quintis População (2018)	Número de representantes*								
	Série C			Série B			Série A		
	Nº	%	Part.	Nº	%	Part.	Nº	%	Part.
1º: 83.173 a 220.965	3	21,43	7	0	0,0	10	2	14,29	8
2º: 227.072 a 291.767	3	21,43	19	3	21,43	15	2	14,29	2
3º: 291.855 a 400.949	2	14,29	14	2	14,29	5	0	0,0	0
4º: 401.155 a 583144	1	7,14	30	3	21,43	28	4	28,57	31
5º: 607.153 a 1.194.094	3	21,43	44	4	28,57	48	3	21,43	9

* Consideramos a melhor campanha de um clube da cidade, considerando o período de 2006 a 2019 para as Série A e B, de 2010 a 2019 para a Série C e o campeonato de 2019 para a Série D. Por exemplo, se um clube jogou dez vezes a Série B, mas tem uma participação na Série A, a cidade deste clube está relacionada na coluna "Série A".

Fonte: o autor.

O quarto quintil possui maior participação na Série A tanto em porcentagem de cidades representadas (28,57%) quanto em número total de participações, 31 (mais do que os outros quatro quintis somados). Este é o quintil em que se encontram Santos e Florianópolis. Na Série A, observa-se também equilíbrio de participações entre o primeiro e o quinto quintis. Os dois quintis extremos se diferenciam em participações totais na Série B e na Série C. O primeiro quintil tem Chapecó, enquanto o último quintil é aquele com cidades com mais clubes com participações em competições nacionais: Natal (3 clubes), Maceió (2), São Luís (2) e Campinas (2). O segundo e o terceiro quintil têm os piores resultados, este com o pior desempenho em todos os aspectos em todas as divisões, e o único a não ter nenhum representante na Série A. Pelotas é a cidade com os melhores números deste quintil.

Somando os pontos dos cinco clubes mais bem colocados das cidades de cada um dos quintis, percebemos que o quarto quintil lidera com boa margem (35.915), seguido pelo quinto (22.796) e o primeiro (17.884). O segundo (5.971) e o terceiro (7.445) quintis ficam bem atrás dos demais.

Os dados não conseguiram estabelecer correlação entre tamanho demográfico e sucesso futebolístico, pois os melhores resultados foram do quarto quintil. Além disto, os resultados do quinto quintil não foram muito melhores do que o do primeiro quintil, por sua vez bem superiores ao terceiro e ao quarto quintis.

Relação entre PIB e sucesso futebolístico

Para analisarmos a relação entre o PIB municipal e o sucesso futebolístico dos clubes de cidades médias brasileiras, também dividimos as cidades em cinco grupos de 14 de acordo com o PIB 2016 (IBGE, 2016b). Os quintis estão dispostos na Tabela 7 com os respectivos números de cidades de acordo com o melhor resultado dos clubes no período analisado, percentuais por quintil e número de participações em cada divisão, considerando a soma de todos os clubes.

Tabela 7. Melhores resultados por cidade e por Produto Interno Bruto (2006-2019).

Quintis PIB (2016)	Número de representantes*								
	Série C			Série B			Série A		
	Nº	%	Part.	Nº	%	Part.	Nº	%	Part.
1º: 2.301.363 a 5.755.477	4	28,57	10	2	14,29	8	0	0,0	0
2º: 5.794.761 a 8.108.595	3	21,43	12	2	14,29	16	2	14,29	3
3º: 8.112.334 a 13.107.354	2	14,29	19	2	14,29	7	2	14,29	7
4º: 13.141.086 a 21.089.905	3	21,43	29	2	14,29	23	2	14,29	16
5º: 21.306.116 a 58.523.733	0	0,0	34	4	28,57	52	5	35,71	24

* Consideramos a melhor campanha de um clube da cidade, considerando o período de 2006 a 2019 para as Série A e B, de 2010 a 2019 para a Série C e o campeonato de 2019 para a Série D. Por exemplo, se um clube jogou dez vezes a Série B, mas tem uma participação na Série A, a cidade deste clube está relacionada na coluna "Série A".

Fonte: o autor.

É possível observar que, apesar do equilíbrio entre o número de cidades que tiveram seus melhores resultados em cada uma das divisões nacionais entre os três quintis intermediários, o número de participações nas três séries aumenta de acordo com o aumento dos quintis (do primeiro ao quinto: 0, 3, 7, 16 e 24). A única exceção é entre o segundo e o terceiro quintil, na Série B (16 e 7, respectivamente). Mas o número de participações na Série A do terceiro quintil (7) é mais do que o dobro daquele do segundo quintil (3).

No primeiro quintil, não há nenhuma cidade da qual um clube jogou na Série A entre 2006 e 2019. Neste grupo, Arapiraca e Juazeiro do Norte concentram todas as participações na Série B e 60% das participações na Série C. No segundo quintil, dois terços das participações na Série A e mais da metade das participações na Série B são de Criciúma. No terceiro quintil, 85,71% das participações na Série A são de Chapecó e mais da metade das na Série B são de Ipatinga. No quarto quintil, Florianópolis é responsável por 87,5% das participações na Série A e 60,87%, na Série B. Outro destaque é Caxias do Sul. Já no quinto quintil, destaque para Santos, com 58,33% das participações na Série A, e Campinas, com 29,17%. No entanto, outras sete cidades também têm participações na Série A e/ou na Série B.

Considerando a soma da pontuação no *ranking* da CBF (2019b) dos cinco clubes mais bem colocados, o padrão praticamente se mantém: quanto maior o PIB do quintil, maior a pontuação. A exceção é o terceiro quintil, que tem pontuação maior do que a do quarto: 16.556 contra 15.790. O principal fator é a elevada pontuação da Chapecoense (10.706), que representa 64,67% da pontuação do quintil (a maior proporção da participação de

um clube na pontuação de um quintil). A pontuação do primeiro quintil é de 4.633; a do segundo, 11.068; a do terceiro, 16.556; a do quarto 15.790; e a do primeiro, 34.596.

Ao analisarmos a distribuição de participações e melhores resultados pelos quintis, concluímos que há relação entre PIB municipal e sucesso futebolístico. Isto pode ser reforçado pelo fato de clubes do quinto quintil sejam os únicos com títulos da Série A entre as cidades médias (Santos FC e Guarani FC). No entanto, há exceções, como o caso de Chapecoense e Criciúma (terceiro e quarto quintil, respectivamente), que possuem resultados melhores do a maioria dos clubes de cidades dos dois últimos quintis. Além disto, um PIB elevado não garante sucesso futebolístico, pois é necessário uma série de medidas para tornar um clube competitivo, como investimento em infraestrutura, captação de patrocínio e organização do departamento de futebol. Vale ressaltar que clubes de São José dos Campos (2º maior PIB entre as cidades médias), Uberlândia (3º) e Piracicaba (13º) não possuem nenhuma participação em nenhum das três principais divisões nacionais, mesmo estando em estados com tradição futebolística. Estes três municípios, assim como Vitória (12º PIB) já tiveram bons resultados futebolísticos, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, o que demonstra que se faz necessário analisar todo o processo e não apenas um quadro atual (SPOSITO, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Averiguamos que há heterogeneidade no desenvolvimento do futebol nas cidades médias brasileiras. Nossos resultados apontaram que não há relação direta entre localização e sucesso futebolístico, mas que clubes de cidades médias do Sul e do Sudeste e, mais especificamente, de Santa Catarina e São Paulo, tendem a ter melhores resultados nacional e internacionalmente. Igualmente estar sediado em uma capital estadual não constitui uma vantagem clara para melhores resultados futebolísticos, considerando cidades médias brasileiras (mesmo que em três estados haja grande desequilíbrio em favor de clubes das capitais).

Existe relação positiva entre hierarquia urbana e sucesso esportivo, mas que os casos de Chapecoense (capital regional B) e Santos (capital regional C), os mais bem-sucedidos clubes de cidades médias do Brasil, são exceções a esta tendência.

Finamente, não há relação entre tamanho demográfico e resultados esportivos mas o PIB influencia positivamente o sucesso futebolístico, mesmo havendo cidades com PIBs elevados sem resultados expressivos nacionalmente.

Estes achados não indicam, no entanto, que o futebol responde passivamente a questões econômicas e demográficas, mas que ele também é um fator fundamental na produção do espaço nacional e, especificamente, das cidades médias. O futebol tem capacidade de projetar nacionalmente cidades médias (BALE, 1992), de hierarquia urbana intermediária e de PIBs e tamanho demográfico relativamente baixos, como é o caso de Chapecó e Ipatinga. Da mesma maneira, faz com que uma cidade média, no caso de Santos, seja uma potência nacional, superando a maior parte das metrópoles. Isto indica,

inclusive, duas demandas para os estudos sobre geografia do futebol brasileiro: expandir o recorte deste trabalho para todos os tipos de cidade, a fim de averiguar se os fatores que influenciam o sucesso futebolístico em grandes e pequenas cidades são os mesmos que encontramos nesta pesquisa; e realizar uma classificação de hierarquia futebolística nacional e relacioná-la com o papel que as cidades exercem na rede urbana brasileira, na perspectiva de Sposito e Catelan (2014), a fim de subsidiar estudos que considerem o futebol como elemento produtor de espaço no Brasil.

Adicionalmente é necessário também avançar em estudos sobre o futebol e demais manifestações culturais, sociais e simbólicas, sobretudo em cidades médias, pois estas podem indicar fenômenos que não podem ser apreendidos nas cidades grandes ou nas pequenas. Conhecer a situação do futebol, tanto profissional quanto amador, como já propusemos metodologicamente (GALLEGO CAMPOS, 2018c), é fundamental para compreender as especificidades de cada cidade e verificar os fatores que influenciam positiva ou negativamente no desenvolvimento do futebol não apenas sob o aspecto dos resultados esportivos, mas também sob os pontos de vista econômico e simbólico. A escassez de estudos dificultou que avançássemos nas discussões acerca dos resultados obtidos, já que os fatores que influenciam o desempenho esportivo são múltiplos e podem variar de cidade para cidade, sobretudo em um universo com bastante heterogeneidade.

Por fim, reafirmamos a necessidade de colocar o futebol na agenda da Geografia, assim como colocar a Geografia no centro do debate sobre o futebol e demais esportes, devido à sua importância na produção do espaço e de seu caráter territorial/territorializante. Portanto, é necessário conquistar nosso *espaço* na discussão desta temática já bastante debatida em áreas como Sociologia, Antropologia e História, mas ainda incipiente na Geografia.

REFERÊNCIAS

- BALE, John. Cartographic Fetishism to Geographical Humanism: Some Central Features of a Geography of Sports. **Innovation in Social Sciences Research**, v. 5, n. 4, p. 71-88, 1992. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13511610.1992.9968322> Acesso em: 10 dez. 2019.
- CBF - Confederação Brasileira de Futebol. **Ranking nacional das federações**. 2019a. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201812/20181213121406_943.pdf. Acesso em: 04 fev. 2019.
- CBF - Confederação Brasileira de Futebol **Ranking nacional dos clubes**. 2019b. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/201812/20181213121419_933.pdf. Acesso em: 04 fev. 2019.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M.E.B. (org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild/ ANPOCS, 2007.
- DAMO. O espetáculo das identidades e alteridades: as lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014. p.23-56.
- FRANCISCHINI, Sandro. A difícil nacionalização do futebol brasileiro: a era Havelange. In: TOLEDO, L, H.; COSTA, C. E. (orgs.). **Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009.

- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dando tratos à bola: ensaios sobre futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GALLEGO CAMPOS, Fernando Rosseto. Como o futebol pode ajudar a compreender o espaço urbano-regional de Chapecó? In: NASCIMENTO, Ederson; VILLELA, Ana Laura; MAIA, Cláudio M. **Território e sociedade: novos estudos sobre Chapecó e região**. Riga: Novas Edições Acadêmicas, 2018a.
- GALLEGO CAMPOS, Fernando R. Modificações no espaço percebido, concebido e vivido em Chapecó-SC devido à Associação Chapecoense de Futebol no período de 2014 a 2016. **Geosul**. v. 33, s. 68, p. 366-394, 2018b.
- GALLEGO CAMPOS, Fernando R. O conceito de espaço de representação do futebol como possibilidade para a apreensão do futebol profissional e amador como fenômenos da espacialidade. **Boletim de Geografia (UEM)**. v. 38, s. 2, p. 1-13, 2018c.
- GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GODOY, Marcos Jorge; CASTRO, Renan Fernando de; ALVES, Flamarion Dutra. As interações espaciais na configuração e produção dos arranjos funcionais das cidades médias. **Geo UERJ**, n. 26, p. 55-72, 2015.
- HERVÉ, Théry. Futebol e hierarquias urbanas no Brasil. **Mercator**, v. 5, n. 9, p. 7-16, 2006.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Região de influência das cidades - 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv40677.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro, 2016a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99700.pdf> Acesso em: 10 dez. 2019.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produto Interno Bruto dos municípios**. 2016b. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?=&t=resultados>>. Acesso em 04 fev. 2019.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas da população**. 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 04 fev. 2019.
- LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. Oxford: Blackwell, 1991.
- PONTES, Beatriz Maria Soares. As mudanças no processo produtivo capitalista e suas repercussões nas cidades médias nordestinas. In: DIAS, Patricia C.; SANTOS, Janio (Org.) **Cidades médias e pequenas: contradições, mudanças e permanências nos espaços urbanos**. Salvador: SEI, 2012. p. 19-46.
- RAMOS, Edivaldo Fernandes; MATOS, Ralfo Edmundo da Silva; GARCIA, Ricardo Alexandrino. As cidades médias como nódulos de equilíbrio da rede de cidades. **Revista Paranaense de Desenvolvimento**, n.121, p. 41-63, 2011.
- RAVENEL, Loïc. Hiérarchies urbaines, hiérarchies sportives: quand le football français s'écarte de la norme européenne. **Espace géographique**, v. 27, n. 4, p. 339-348, 1998.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. O desafio metodológico da abordagem interescalar no estudo de cidades médias no mundo contemporâneo. **Cidades**, v. 3, n. 5, p. 143-157, 2006.
- SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; CATELAN, Márcio José. Hierarchy and heterarchy in Brazil's urban network. **Brazilian Geographical Journal**, v. 5, n. 2, p. 556-574, 2014.

Data de submissão: 27/ fev./ 2019

Data de aceite: 02/ jul./ 2019